



Asociación para el Estudio de Temas Grupales,
Psicosociales e Institucionales

ÁREA 3. CUADERNOS DE TEMAS GRUPALES E INSTITUCIONALES

(ISSN 1886-6530)

www.area3.org.es

Extra Nº5 – Verano 2023

Material presentado en la III Asamblea Internacional de Investigación en torno a la
Concepción Operativa de Grupo, Salvador de Bahía, 8-10 de septiembre de 2022

A ética de Enrique Pichon-Rivière ¹

Gladys Adamson

Resumo

Como E. Pichon-Rivière aponta que o itinerário de um pensamento será necessariamente autobiográfico, na medida em que o esquema de referência de um autor não é apenas estruturado como uma organização conceitual, mas é baseado em uma base motivacional de experiências vividas. Neste trabalho, com base nos testemunhos autobiográficos do próprio autor, vou me referir ao que considero ser a escolha ética profissional de E. Pichon-Rivière, que marcou a maioria de seus discípulos.

É um tema vasto, complexo e controverso a desenvolver².

Quando se aprofunda no trabalho de Enrique Pichon-Rivière, descobre-se uma grande coragem em suas decisões éticas. O maior, talvez, ao avançar para a articulação de sua perspectiva social com o pensamento psicanalítico, uma articulação que o levará para além

¹ Trabajo presentado en la Mesa de Formación

² A ética é parte da filosofia prática e refere-se às decisões que os seres humanos tomam em suas vidas e, portanto, é sempre controversa.

de Freud. Os três volumes de suas obras completas de 1971 serão chamados, não por coincidência, *de Psicanálise à Psicologia Social*.

Mas esta decisão terá um custo enorme para ele, do ponto de vista pessoal e profissional, e é isto que nos dá a medida de sua grande coragem. Em novembro de 1951 ele viajou para a Europa como Relator Oficial da *XIV Conferência de Psicanalistas Francófonos*, onde não só deu sua palestra, "Algumas observações sobre a transferência em pacientes psicóticos", mas também trocou reflexões com muitos psicanalistas europeus: franceses (Lagache, Lacan), ingleses (Melanie Klein e seus discípulos) e suíços. No seu retorno, ele sofreu uma grande crise porque detectou em seu Esquema Referencial e em sua perspectiva ética e posicionamento profundas diferenças com a psicanálise proposta por seus colegas, tanto argentinos como europeus. O próprio Pichon-Rivière relata: *Esta concepção do mundo interno³ e a substituição da noção de instinto pela estrutura do vínculo, entendendo o vínculo como um pré-aprendizagem, como veículo das primeiras experiências sociais, constitutivo do sujeito enquanto tal, com a negação do narcisismo primário, levou necessariamente à definição da psicologia, em sentido estrito, como psicologia social. Mesmo se estas abordagens surgiram em uma práxis e são sugeridas, em parte, em alguns dos trabalhos de Freud (Psicologia das Massas e Análise do Ego), sua formulação implicou uma ruptura com o pensamento psicanalítico ortodoxo, ao qual aderi durante os primeiros anos de meu trabalho, e para cuja difusão contribuí com meu esforço constante. Creio que esta ruptura significou um verdadeiro "obstáculo epistemológico", uma crise profunda, que levei muitos anos para superar, e que talvez só tenha sido alcançada hoje, com a publicação destes escritos. Esta hipótese parece ser confirmada pelo fato de que, após tomar conhecimento das mudanças significativas em minha estrutura referencial, me voltei mais intensamente para o ensino, interrompendo o ritmo anterior de minha produção escrita⁴.*

Levou quatro anos para abraçar plenamente esta mudança, que ele detectou em 1951, e para se autorizar a investigar a fim de desenvolvê-la, socializá-la e começar a publicá-la. Em 1955 fundou o IADES (Instituto Argentino de Estudios Sociales), que seria o contexto para sua pesquisa social e o desenvolvimento de seu ECRO (Esquema Conceptual, Referencial y Operativo). Seu projeto de formar profissionais de sua ECRO também nasceu na IADES: em 1959 fundou sua *Escola Particular de Psiquiatria*, depois em 1963 sua *Escola Particular de Psiquiatria Social* e finalmente em 1967 sua *Primeira Escola Particular de Psicologia Social*.

Assumir esta mudança em seu Esquema de Referência e decidir embarcar em um caminho de pesquisa social também implicou em outro ato de extrema coragem: afastar-se de uma posição social de prestígio como psiquiatra e psicanalista de prestígio, abandonando a Associação Psicanalítica Argentina, reconhecida internacionalmente, como referência institucional. Isso também lhe custou seu divórcio e afastamento de sua família. Em resumo,

³ O mundo interno é definido como um sistema, no qual as relações e os objetos interagem em feedback mútuo. Em resumo, a inter-relação intra-sistêmica é permanente, enquanto a interação com o meio ambiente é mantida. (1971) "Prologue" de (2011) *El Proceso Grupal*, Buenos Aires, Nueva Visión, P. 11.

⁴ Ibid

tomar esta decisão significava ficar sozinho e iniciar um caminho marginal, inexplorado e solitário.

Ele teve que começar "do zero". Ele teve que treinar seus próprios discípulos psicanalíticos como pesquisadores sociais. Ricardo Avenburg comenta: ... *ele nos arrastou para fora do consultório e nos levou para a rua para bater na porta do endereço que estávamos batendo para fazer uma pesquisa política, ou uma pesquisa sobre problemas de saúde, ou sobre algum produto comercial*⁵ esta é a magnitude de sua mudança e o desafio que ela implicava. Ele estava se lançando por conta própria para construir uma estrada que ainda não estava construída e que ele tinha que criar. Era o sonho de seu pai, sua última grande aventura sem saber para onde o levaria ou se ele encontraria um terreno sólido no final. Sabemos agora que ele descobriu um novo continente para as Ciências Sociais, mas naquela época era um caminho que ele tinha que abrir como os Guarani quando enfrentam a selva, pela força de facões⁶ sem pausa ou fadiga. É assim que os Guarani abrem um caminho na selva espessa e fazem seu caminho.

Pichon-Rivière está encarregado de elaborar um novo conhecimento para enfrentar problemas intemporais que existem desde todos os tempos, desde Abel e Caim: os grandes problemas relacionais e de união da vida cotidiana e muitas vezes na raiz de grandes decisões pessoais (deixar um emprego, divorciar-se, emigrar).

Toda nossa vida é dominada por questões que têm a ver com as relações humanas mas, devido a modelos e ideologias profundamente enraizadas, a psicologia social não é bem recebida por muitos, especialmente por aqueles que têm poder ou que conseguiram se tornar uma elite teórica ou profissional. Há algo desconfortável na abordagem de Pichon-Rivière que faz com que as pessoas tentem ignorá-la ou desvalorizá-la: nos faz saber o quanto dependemos dos outros para sermos felizes, o quanto precisamos de nossos relacionamentos para fazer algo funcionar ou não em nossas vidas, ou o quanto os outros são necessários quando temos que tomar uma decisão, para enfrentar uma mudança, por exemplo.

Dessas elites há uma tendência a rejeitar seu ECRO, degradá-lo, atacá-lo e até persegui-lo, como fizeram muitos psicanalistas de sua época, ou até alguns anos atrás, as associações de psicólogos começaram campanhas para eliminar a psicologia social de E. Pichon-Rivière como um campo do conhecimento.

Eles preferem um conhecimento mais restrito aos limites do racional ou individual, ou a um mais teórico, conceitual, ou a aderir a diferentes teorias estrangeiras, como na Universidade, e não valorizam a **formação** real: a obtenção de "know-how" com laços humanos. Por que é um conhecimento tão desconfortável que eles querem eliminá-lo do campo profissional? Isto mostra que há algo muito importante no conhecimento da ECRO. Caso contrário, é difícil

⁵ Fabris, F.: (2012) *Pichon-Rivière y la construcción de lo social*, Buenos Aires, Editorial Polemos, p. 50.

⁶ Uma catana é uma ferramenta de corte, também usada como arma; é como uma faca comprida, mas mais curta que uma espada. Normalmente tem menos de 60 cm de comprimento e tem uma única borda. É usado para cortar grama, cortar cana de açúcar, podar plantas ou como arma de fogo (Wikipedia).

entender porque é considerado por algumas elites como tão perigoso que as leva a excluí-lo de muitas instituições de treinamento. Isto nos leva a pensar que sua ECRO, apesar de ter sido explicitada desde 1960, ainda ameaça um conhecimento muito racional, instituído nas universidades e nas elites profissionais corporativas. É sem dúvida um corpus teórico, metodológico e técnico muito novo para enfrentar os grandes problemas da vida. E é por isso que ela cria tanta resistência.

A tendência natural do pensamento ocidental, com a lógica de uma sociedade capitalista que valoriza o individualismo, o "self made man", e o "self made man", é abalada pelo conhecimento psicossocial e muitas pessoas se sentem vulneráveis, em risco, diante dele. Isto não conseguiu eliminar ou diminuir a psicologia social de E. Pichon-Rivière. Há milhares de pessoas em todo o mundo que foram treinadas em seu ECRO, que estão felizes por terem encontrado outra maneira de se relacionar umas com as outras, por terem construído outro sistema de interpretação do mundo que nos leva a perceber, valorizar e agir em nosso momento histórico de uma forma mais livre e menos alienada⁷.

A psicologia social é um método de decifrar o que está latente nas relações humanas, o que não é visível a olho nu no mundo ocidental capitalista. Ele nos ensina a ler e entender o que não sabemos sobre nós mesmos e nossos relacionamentos mais próximos. Precisamos aprender a lê-lo e fazer de nossas relações um encontro reflexivo e enriquecedor, que nos capacita e que desfrutamos dos efeitos mútuos de idéias, afetos, modos de fazer, sonhos, voltados para um projeto de conhecimento mais amplo, mais complexo e mais rico em sua diversidade.

É isso que é um psicólogo social: alguém que nos ensina a ler os mistérios das relações humanas. Para quê? Para encontrar a razão mais próxima e imediata no que nos rodeia e nos faz sofrer. Mas ele ou ela também nos ajuda a encontrar o que há de mais único em nós mesmos, o que há de mais único para nós, nosso *esquema referencial*, nossa maneira de pensar, sentir e fazer nas relações humanas, o que há de mais único para nós.

Nosso estilo próprio, único e singular de se relacionar com os outros se enredou em identificações, mandatos, preconceitos, fantasias, medos e renúncias, e precisa ser resgatado. A psicologia social não pretende ser uma chave para a interpretação do mundo. Não pretende ser uma teoria global, mas pelo contrário, afirma que não existe uma interpretação única do mundo, um discurso único, vivemos em um mundo plural onde até mesmo cada ser humano é singular. Mas se nós, alguns destes únicos, conseguimos nos encontrar em um projeto comum, o que encontramos é um grande poder e uma vitalidade que, como diria Spinoza, "nos compõe e nos dá paixões alegres". Mas este encontro entre alguns pode ser ampliado. Spinoza também diz: "ninguém sabe do que um corpo é capaz" para este autor, corpo é uma metáfora para um todo que pode ser um grupo, uma instituição, uma comunidade cultural

⁷ Isto não faz com que seja menos doloroso.

específica, uma sociedade, uma República⁸. O Chile em 25 de outubro de 2020 pode ser um exemplo: sua história de assembléia conseguiu arrancar do regime de Piñera o início da mudança da Constituição Pinochetistas da ditadura.

Não há uma interpretação homogênea do mundo. A riqueza do mundo é precisamente que cada indivíduo, grupo, instituição, cada comunidade, cada sociedade pode afirmar sua visão de mundo. Compreender que é uma forma de ver o mundo que tem uma longa história cultural, desde suas origens fundadoras. Uma forma peculiar, diferente de outras sociedades. Comunidades, organizações, grupos e subjetividades provêm deste complexo entrelaçamento de elos cheios de seu próprio significado.

O mais valioso para estes grupos, que são esferas interdependentes, é que eles são capazes de construir seu próprio projeto. O que eles conseguem à sua maneira, em seu próprio estilo, de modo que não se assemelham a nenhum outro grupo humano (esta é sua dignidade).

Pode ser uma pequena rebelião, mas é a maneira como um grupo, uma organização encontra para levantar um problema, um direito, uma necessidade. É uma questão de garantir que esta invenção de levantar um problema encontre uma maneira de ser canalizado e que possa ser levado adiante (talvez o problema nunca seja resolvido como as Mães da Plaza de Mayo, muitas das quais não conseguiram encontrar seus filhos desaparecidos, ou como as avós da Plaza de Mayo que só conseguiram encontrar 130 netos dos 400 apropriados pela última ditadura), mas elas ainda merecem um lugar no mundo para continuar lutando. Seu trabalho, primeiro no nível micro-social e depois no nível macro, ajudou a derrubar um governo militar e fez dos direitos humanos uma prioridade em nosso país aos olhos do mundo. A riqueza de um país reside no poder destes projetos singulares, micro-sociais, plurais em seus objetivos, que são levados adiante pelas próprias pessoas que os encarnaram.

Estas questões únicas não podem ser apagadas do mapa porque são instituições sociais que fazem parte da história de qualquer país.

A psicologia social nos ajuda a descobrir de que somos feitos os seres humanos, de que substância somos feitos e qual é a real dificuldade que temos em encontrar a felicidade ou uma vida diária com maior bem-estar, com menos sofrimento (isto não significa com menos conflitos, mas com certas chaves para resolvê-los).

A Psicologia Social de E. Pichon-Rivière não é apenas um método de decifrar o que está latente nas relações humanas. É também uma práxis. É um método de operar neles, de intervir nas tramas de ligação, com efeitos de desalienação, de superar a anomia freqüente. Ele não só nos ensina a ler e entender o que não sabemos sobre nós mesmos e nossos relacionamentos mais próximos, mas também a vivê-los de uma forma mais multidimensional, dialética e operacional.

⁸ Spinoza, a partir de 1663, apoiou fervorosamente o projeto político da República com cujo chefe de governo Johan de Witt compartilhou uma amizade. Este projeto era contrário ao da Monarquia Laranja. Em 1672 de Witt foi brutalmente assassinado, o que pôs a vida de Spinoza em grave perigo.

Pichon-Rivière assume uma causa de sofrimento que já havia sido apontada por Freud. O fundador e criador da psicanálise. Ele estabeleceu três causas de sofrimento 1) a natureza, com suas tempestades, terremotos, furacões, inundações etc. que não podemos evitar, 2) nosso corpo, que pode ser uma fonte de desconforto, temos que cuidar dele, ele adoecer, temos que curá-lo, envelhece etc., mas 3) é a maior causa de infelicidade. É a que reside na relação com os outros em nossa relação com os outros e isto invade todas as horas de nossos dias e pode invadir todas as horas de nossas vidas (quantas mulheres suportaram uma condição de infelicidade durante toda sua vida e muitas vezes acabaram sendo mortas por seus subjugadores). Não podemos evitar que nossa felicidade seja diminuída por nossos corpos doentes ou envelhecidos, não podemos evitar o desconforto ao qual a natureza nos submete, mas não temos que aceitar o sofrimento que causamos uns aos outros. Pichon-Rivière decidiu enfrentar isto. Este imbróglio psicossocial com outros e a difícil regulamentação do mesmo.

Em "A Técnica dos Grupos Operacionais" Pichon-Rivière afirma explicitamente que propõe um desafio: *"a tentativa de descobrir certos tipos de interações que impedem o pleno desenvolvimento da existência humana". Mas isso representa apenas um aspecto dos objetivos, pois também toma como objeto de investigação a descoberta dos fatores que favorecem o referido desenvolvimento*⁹. É um projeto muito ambicioso, pois envolve encontrar um enigma que torna a infelicidade humana e a contenção de seu potencial, que pode ser enorme.

Uma grande pergunta surge a partir disto: Por que a grande maioria das pessoas aceita a infelicidade? Por que toleram ter em suas relações diárias, um obstáculo tão grande às suas possibilidades de bem-estar? Por que maltratam e se deixam maltratar? Por que aceitam esta fábrica de renúncias que as relações humanas podem ser? Estas são as grandes questões que a psicologia social de E. Pichon-Rivière abre. Aqui ele recorre ao conceito de *anomia* e *alienação*: não ter tido uma experiência vital onde os laços incluíam sua diferença e uma relação com suas figuras significativas que eram dialéticas e não dilemáticas.

*Em toda estrutura relacional - e com o termo estrutura já indicamos a interdependência dos elementos - o sujeito e o objeto interagem, alimentando-se mutuamente. Nesta interação, ocorre a internalização desta estrutura relacional, que adquire uma dimensão intrasubjetiva (...) as relações intrasubjetivas internalizadas ou estruturas de ligação, articuladas em um mundo interno, condicionarão as características da aprendizagem da realidade. Este aprendizado será facilitado ou dificultado dependendo se o confronto entre a esfera intersubjetiva e a esfera intrasubjetiva é dialético ou dilemático. Ou seja, se o processo de interação funciona como um circuito aberto, com uma trajetória espiral, ou como um circuito fechado, viciado por estereótipos. (...) A partir das qualidades da interação externa e interna, formularemos os critérios de saúde e doença*¹⁰.

⁹ Pichon-Rivière, E. e colaboradores: (1960) "La Técnica de los Grupos Operativos" in (2011) El Proceso Grupal, Nueva Visión, Buenos Aires. P. 107.

¹⁰ Pichon-Rivière, E.: (1972) "Prologue" de El Proceso Grupal, Nueva Visión, Buenos Aires. P. 10/11.

Em outras palavras, o fato de não ter tido modelos de ligação - muito difíceis de conseguir em uma sociedade capitalista racionalista e tecnificada - com as pessoas significativas de sua infância, o que teria significado um espaço de encontro com um outro para pensar, com liberdade, sobre suas próprias condições de existência, Na singularidade de sua vida cotidiana e, sobretudo, para poder implementar seus projetos (mesmo os infantis ou pubescentes) com base nos objetivos que quer estabelecer para si mesmo na vida, poderia constituir um grande obstáculo ao seu desenvolvimento, condenando-o a um círculo vicioso, à repetição de um modelo relacional herdado. Em resumo, não ter tido na infância uma experiência de vínculo de afetação dialética mútua.

Apesar disso, para jovens e adultos, e até mesmo para crianças, a psicologia social de E. Pichon-Rivière propõe uma solução micro-social coletiva: a possibilidade de pertencer a um grupo, uma organização, que pode manter e sustentar uma vida cotidiana com seu próprio estilo de pensar, unir-se, amar e perseguir seus próprios projetos. O fato de fazê-lo em comunidade, com outros e com seu próprio estilo único, à sua maneira, é o que torna a vida digna, uma vida que vale a pena e uma forma muito sólida de sustentar as subjetividades.

É muito interessante investigar por que o ECRO de E. Pichon-Rivière e sua Psicologia Social surgiram em um determinado momento histórico. É necessário investigar o contexto social e discursivo de 1907 a 1977.

O início do século 20 foi uma época de profundas transformações. Os grandes movimentos sociais como consequência da revolução industrial e da revolução comunista na União Soviética inspiraram ideologias de libertação, incluindo o socialismo, que promoveu a idéia de que havia uma maneira de reduzir a infelicidade ou violência humana, como a que Enrique Pichon-Rivière percebeu, na política, muito cedo em Goya e que o fez, aos 18 anos, decidir fundar um Partido Socialista em sua cidade, clamando por paz e justiça.

Ele viveu em seu contexto, o nordeste da Argentina, onde a injustiça, exploração e segregação dos povos originais e nativos, totalmente excluídos da distribuição da riqueza que eles mesmos produziam, era visível. Sem dúvida, uma sociedade mais igualitária, com uma melhor distribuição da riqueza, diminuiria uma das causas do sofrimento humano. E. Pichon-Rivière manteve esta convicção.

Uma complexidade muito grande surgiu naquela época e Pichon Riviera, ao propor várias soluções para o mal-estar em grandes porções da população (sempre do microsocioal), optou por abordar o problema da loucura, da psicótica, incluindo a psicanálise como uma ferramenta terapêutica.

Ele era particularmente sensível aos marginalizados, aos *não-humorados* do mundo, àqueles que, entre outras coisas, sofriam porque não podiam produzir economicamente e eram estigmatizados por isso. Nisso ele se baseou no trabalho de E. Durkheim, C. Marx e outros¹¹.

¹¹ Pichon-Rivière era um leitor heterodoxo e incansável. Em seus textos ele cita E. Lefevre, B. Malinowski, G. H. Mead, J-P Sartre, Lucien Golman, M. Heidegger e muitos outros.

Esta posição não deixou de ser válida e atual. Numa época em que muitos no Ocidente querem impor os mercados e sua lógica extrativista para governar a sociedade, podemos dizer que esta luta continua. Não pode ser o dinheiro e o mercado a governar a lógica das relações sociais e seus vínculos.

Uma melhor distribuição de todos os bens que uma sociedade produz reduziria sem dúvida o sofrimento humano, mas há uma razão pela qual muitos projetos de governo político igualitário ou de maior possibilidade de consumo foram enfraquecidos, pelo menos na América Latina. O que não pode ser eliminado é um nível micro-social que gera um sentimento de pertencer a uma rede de vínculos onde cada pessoa percebe que faz parte de sua subjetividade, a necessidade de sentir que esta rede contém e fortalece um projeto compartilhado, que percebe que o que faz tem seu próprio significado, que seu *esquema referencial* está comprometido ali, que algo de próprio está em jogo ali, no coletivo. Se isto não acontecer, o risco de anomia ou alienação surge no horizonte destas experiências. Isto é o que o ex-vice-presidente da Bolívia, A. Garcia Lineras, chama o fenômeno da *desclassificação*.

Pichon-Rivière toma o conceito de *anomia* de E. Durkheim no sentido de que cada sujeito se pergunta: Eu tenho traços de valor para os outros? O que a sociedade espera de mim? Tenho um lugar neste mundo? O que e quem sou eu para a sociedade? Posso ser reconhecido por outros em minha vontade mais singular (*connatus*¹²)?

É o único destino da minha vida, do meu esforço, da minha criatividade?

Do ECRO de E. Pichon-Rivière, como podemos resgatar a subjetividade e as relações humanas deste capitalismo selvagem que trata o mundo e as pessoas como mercadorias, como objetos apropriados, mentalizando-nos em uma cultura que exclui apenas o mercado e o consumo. A relação com a natureza conquistada e explorada pela ciência e pela tecnologia. É um mundo que tenta nos transformar em uma máquina insensível que perdeu sua relação amorosa com o planeta e com os outros¹³.

O que excita e anima o ser humano é compartilhar uma tarefa, fazer algo com os outros. Perceber que o trabalho de um faz parte de um projeto conjunto, com outros. Tudo o que ele fez de valor em sua vida: sobreviver, crescer, ele o fez ligado a outros.

Mas mesmo a partir de certas concepções de psicanálise, argumenta-se que o desejo é individual e se é necessário enfrentá-lo e vencê-lo, é necessário impô-lo a outros com quem ele compete. Ele nos diz que os seres humanos não sabem como compartilhar, não encontram a maneira de compartilhar, então a primeira impressão que têm da outra é que querem tirar o que é meu.

¹² Spinoza, B. : (1980) *Ética demostrada según el orden geométrico*, Madrid, Ediciones Orbis, S.A. Hyspamerica. P. 116.

¹³ Fernández-Savater, A.: "El apocalipsis ya fue". <https://ctxt.es/es/20220901/Firmas/40765/apocalipsis-colapso-individualismo-amador-fernandez-savater.htm>

Da ECRO uma subjetividade que aprendeu a lógica do capitalismo: não sabe que o que quer é compartilhar e ser reconhecido por outro em uma relação muito mais horizontal. A diferença e a concorrência não são eliminadas, elas são canalizadas para uma tarefa ou prazer compartilhado.

Mesmo quando a criança está sozinha, eles logo começam a inventar jogos onde os brinquedos interagem com o médico, com a mãe, com o professor, com outros em aventuras. São jogos de interações. E estão cheios de projetos, querem algo mais do que aquilo que têm, procuram tesouros, para ganhar uma batalha, ou o que procuram é amor, conforto e é por isso que consolam os ursinhos de pelúcia, os bonecos, levam-nos para passear em carrinhos de bebê, embalam-nos ou curam-nos ou compartilham viagens para encontrar tesouros ou simplesmente aventuras perigosas onde, depois de perigos inimagináveis, são salvos. É por isso que os livros de aventura são tão cobijados. Você sempre quer alcançar algo mais, você sempre quer ter um projeto para alcançar, algo para alcançar além de mim. Mas... sempre em um vínculo, sempre entrelaçado. Em uma dramatização onde se cumpre uma função social para os outros, uma mãe, uma merceeira, um vendedor, um diarista, um policial, até mesmo um ladrão tem um projeto, uma motivação a alcançar.

É verdade que existem desejos e projetos individuais que se procura impor, em geral são os gênios que decidiram quebrar certas regras de pensamento, de pintura, da forma de escrever, de fazer poesia, etc. Mas sempre há outro que reconheceu este desejo individual transgressivo e criativo e o apoiou, seja Fliess, Theo, irmão de Van Gogh, Gala para Dalí, etc.

Mas a sociedade capitalista tem recursos muito poderosos para naturalizar o individualismo racional e tornar invisível o fato de que somos seres entrelaçados. Pierre Bourdieu até aponta que através da linguagem, da gramática, nos facilita pensar nas coisas isoladamente e no estado dessas coisas e nos dificulta a reflexão sobre suas relações, processos e seu devir.

A sociedade racionalista nos diz que devemos obedecer a nossos pais, nossos professores, que são os que nos dirão como é o mundo que vamos descobrir; eles nos negam um papel de liderança. Ao fazer isso, é negada aos pais a oportunidade de nos acompanhar e estimular nesta descoberta autônoma e surpreendente da criança, o que lhes permitiria ficar espantados com o mundo em que vivem. Desde muito cedo, as instituições recompensam o "vencedor" e desvalorizam o "perdedor". Ao fazer isso, eles instilam a idéia de que as diferenças que deveriam nos alimentar, nos surpreender, nos fazer descobrir novos significados na vida, se transformam em relações de superioridade-inferioridade. Se houver diferenças, uma é melhor do que a outra. Esta é a lógica do capitalismo. Deve-se ser "vencedor" mesmo que as motivações de cada um se inclinem para outros objetivos.

Não se pode ser "como outra pessoa" sem perceber um grande vazio nele. Sempre me lembro de um ditado que acredito pertencer à tradição judaica: "Se você quer que eu seja como você, quem vai ser como eu? Há uma perda onde há uma negação, uma falha em reconhecer o valor de uma diferença que dá riqueza à relação.

Quando uma criança nasce e começa a brincar, ela não sabe o que é vencer. Eles brincam para compartilhar e se divertir com os outros e se juntam facilmente às idéias de outras crianças. Algumas crianças na praia, sem brinquedos, inventam jogos com um bastão, com uma pedra, e se espalham inventando novos jogos ou novos testes.

Nenhum regime social, econômico ou político pode anular o núcleo da estrutura subjetiva, que é o *elo de ligação*. Pichon-Rivière argumenta que a unidade mínima na qual é possível pensar que o humano é o *elo*. É assim que somos feitos: somos constituídos com os outros e com os outros. Tudo o que conseguimos, para o melhor ou para o pior, construímos, produzimos com outros. Nossa condição é sermos sujeitos de nosso contexto (Dasein) de estar com os outros (Mitsein) em um vínculo e de sermos sujeitos abertos, de projetos, ejetados para o futuro¹⁴.

¹⁴ Heidegger, M.: (1998) *El ser y el tiempo*, Espanha, Fondo de cultura económica. P. 133-142 e p. 163-166.